

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 17 DE SETEMBRO DE 1887

VOL. III-N. 112

REDACÇÃO E GERENCIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Redactores.....	FILINDAL.
História dos sete dias.....	MSLIBEU.
Gazeta rimada.....	A.
Jornaes e Revistas.....	A. DE LIMA.
A decida, soneto.....	M. DE ASSIS.
Páginas esquecidas.....	ATASIU NOLL.
Para sempre, poesia.....	J. RIBEIRO.
Notas bibliographicas.....	FISCHIO.
Casas pituscos.....	J. M. SILVA.
Anth ephemero, poesia.....	P. TALMA.
Theatros.....	A. MARTINS.
Prima vera, soneto.....	TIO ANTONIO
Feitas, bailes e concertos.....	BIBIANO.
Cofre dos groços.....	L. M. BASTOS.
Paginas e Noticias.....	ENRICO.
Sport.....	
Correio.....	
Correio da gerencia.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 46, 56, 57 e 96 d'A Semana.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume da versoa, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado da Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por

Valentim Magalhães. Este livro não foi poato á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Droux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopea Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo da Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A inauguração do novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura no dia 10, foi sem duvida um facto de grande importancia.

Aquelle sumptuoso monumento—sacrario, onde se guardam as reliquias sagradas do pensamento humano, verdadeiro templo da Sciencia e da Arte, onde o deos da religião universal que se chama o Livro, deos sem apostatas nem infieis, vai ser adorado num culto fervoroso e eterno—aquele monumento será para todo sempre um dos mais nobres, dos mais elevados, dos mais poderosos exemplos, de quanto póde a tenacidade de uma idéa que se torna fixa no cerebros e no coração de meia duzia de patriotas.

Com que moeda poderá o Brazil pagar á colonia portugueza o que os benemeritos directores do Gabinete lhe acabam de dar em arte e em bom gosto?

Eu não comprehendo o patriotismo que se esbandalha em phrases rhetoricas para provar que os productos ou os homens de um paiz são superiores aos dos outros; mas comprehendo perfeitamente o patriotismo que se attesta por um esforço ingente, o patriotismo que para honrar a patria trabalha pela patria a lhe dá em dedicacão o que ella muitas vezes não lhe deu em respeito e estima.

En não entendo nada de architectura, mas isso não obsta a que ache maravilhosamente bella a fachada do edificio do Gabinete. Aquella pedra tão rendilhada, tão pittoresca, tão artisticamente talhada em ogivas, em arcos, em columnas, em espheras armilares, não

me inspira unicamente o entusiasmo das grandes obras artisticas—inspira-me egualmente o respeito pela tradição de um seculo aureo na historia dos meus avós. Quando passo em frente do soberbo monumento architettonico tenho vontade de tirar o meu chapéo, como um crente dennte a sua igreja, e recitar aos traeseuntee um canto qualquer dos *Luziadas*.

O aalão da bibliotheca é de uma imponencia magnifica! Ali deslumbrou-me a obra de ferro e de estuque, que é realmente soberba.

Duas coisas, porém, me impressionaram mal: uma foi o busto de Minerva no angulo direito ao fundo do tecto. Parece-me que aquella deosa poderia ser pintada em outro qualquer lugar, e que ali se deveria ver o busto de um portuguez illustre a fazer *pendant* aos outros tres. O padre Antonio Vieira, por exemplo, que tantissimo honrou as letras portuguezas, ou Gil Vicente, ou Bocage, ou Herculano, ou Garrett, ou ainda outro qualquer, ficaria ali muito melhor do que aquella figura symbolica, que contrasta violentamente com os outros retratos.

A outra coisa que me desagradou foi não ver o nome de Camões em uma das placas que ornna a galeria superior, e onde estão inscriptos os nomes de grandea escriptores portuguezes e brasileiros. Dir-me-ão que o Camões lá tem o retrato no tecto; mas eu tenho pelo nosso portentoso poeta uma tão fanatica adoração que me seria agradável ver o nome d'elle em todas as placas.

Porque aquillo ali é o Templo de S. Camões, poeta e martyr.

A festa de inauguração foi uma festa esplendida e differencou-se das congeneres pela apreciavel qualidade de não ser massadora. Os discursadores, que se valem sempre d'estas occasiões para dar cabo da nossa paciencia, foram d'esta vez piedosos e prudentes. A allocução lida pelo Sr. Joaquim Ortigão, presidente do Gabinete, foi muito agradável de ouvir-se. É uma peça bem escripta, com singeleza e discrição.

Em seguida o Sr. Ferreira Ramos, 1.º secretario, leu um bonito officio do Sr. ministro de Portugal communicando que o rei D. Luiz I agraciara com a gran-cruz da Conceição o illustre presidente do Gabinete.

Esta noticia foi recebida com uma grande salva de palmas. E eu, que também a applaudi com enthusiasmo, aproveitei este ensejo para dar os parabans á ordem da Conceição e aos commendadores d'essa ordem por lhes ter El-Rei confiado a grande honra de snbirem até ao Sr. Joaquim Ortigão.

Executada pela orchestra uma hellissima Polca de Arthur Napoleão, Ramalho Ortigão, o ascriptor, leu o discurso official.

É um discurso notavel pelo estylo e pela audacia dos conceitos. Forma ampla, grandiosa e bella.

Foi ouvido com uma attenção religiosa e anthuelasticamente applaudido.

Devo felicitar os poatas brasileiros pelo honroso epitheto de—incomparaveis—que lhaa conferio o grande critico.

Não posso tambem furtar-me á transcripção de um trecho poetico do discurso, trecho que foi especialmente applaudido:

«Esta casa mostrará tambem que aquelle que a fundaram não desaprenderam, com a emigração, de amar a gloria litteraria do seu berço, a obra do seu escriptorio, e a heroica sonoridade da sua lingua, flor do Lacio, dourada palos reflexos do Mediterraneo, perfumada pelas essencias embalsamadas da Arabia, lingua cantanta, espumosa e rubra, que os primeiros colonos portuguezes transplantaram para o fecundo solo da America, e através da qual a litteratura e a poesia brasileira fizeram passar um novo alento de força e de graça, como um vago murmuro de palmeiras, debaixo das quaes, no amendoal em flor, gorgeliam os esbiás e palpitam ao sol os colibris.»

Um grande incendio destruiu inteiramente uma casa da rua da Alfandega e arruinou em parte duas ou tres mais. Felizmente ninguem morreu nem se ferio com gravidade. Conheço, porém, um homem a quem este incendio deu um prejuizo consideravel, prejuizo de dinheiro, de tempo e de trabalho. É o Dr. Francisco d'Agostino, distincto medico italiano, que ha mezes viera de S. Paulo para prestar aqui na faculdade de Medicina o seu exame desufficiencia. Entre os objectos que o incendio lhe destruiu estavam todos os seus livros de medicina e a theze que elle acabara de escrever dois dias antes e que ia sustentar na Faculdade. Esta theze representava quatro mezes de trabalho assiduo, penoso e fatigante, noites inteiras perdidas no estudo e na recordação das materias das primeiras series medicas, naturalmente esquecidas com o percursso do tempo.

Eu imagino a consternação d'aquelle homem ao ver todo o seu trabalho, que era a sua fortuna e o seu futuro, perdido assim repentinamente, pelo capricho talvez de um cigarro esquecido, ou de um phosphoro acceso por não criminoaa, visto que ainda não foi descoberta a origem do incendio.

Agora têm elle de recommear a trabalhar com mais affino, com maior pertinacia, depois de ter perdido toda a sua roupa e a da familia, todos os seus moveis, todos os seus instrumentos de cirurgia.

Ora abi estí uma situação que eu não desjeria nos meus inimigos, so os tivesse

O Sr. Portella, ministro do Imperio, foi derrotado na eleição do 1.º districto do Pernambuco! Mas neste caso a idéa abolicionista e Joaquim Nabuco ninda têm muita importancia na patria do Juca Cipó.

Que vergonha para o partido e para o ministerio!

E' verdade que já me disseram que a candidatura do Sr. Portella ia ser imposta a um districto conservador da Bahia. Eu é que não creio em semelhante hallelu. O Sr. ministro não hade ser tão aquelle que se arrisque a segunda derrota, porque a Bahia não elega um pernambucano nem que a rachem. Os bahianos são barristas como um prego e têm por lá muita gente nos casos de vir aqui dizer—*apoiado*.

Roga-se ao Exm. Sr. Barão de Parapanama o obsequio de mandar dizer a esta redacção o seu nome anterior ao baronato. Os povos do Carioca e do Guanabara pedem a S. Ex. este incommodo porque o *Jornal* de hontem diz ter sido agraciado com aquelle titulo um dos mais importantes fazendeiros de S. Paulo, e o *Diario de Noticias* resa que o titulo foi conferido ao Sr.—o.

Nos conhecemos com este nome apenas uma Nossa Senhora, e essa mesma é do *O* maiusculo. O *Diario* deu ao Sr. Barão um o minusculo, e nós, para bem dos povos e tranquillidade do continente novo, deejamos saber se S. Ex. se chama efectivamente o, se O Minusculo Sem Mais Nada, ou O legario, O nofre, O limpio, O paco, O posição, O perador, ou O palino, ou ainda e singelamente—O lho.

Se S. Ex. nos responder em termos convenientes e decisivos, nós commentaremos com sympathia o acto do governo e lhe daremos em paga a nossa o piuião.

FILINDAL.

GAZETA RIMADA

II

Portella não grêla, vela!
Da pasta se afasta e basta!
Todo o mundo tagarella:
Portella não grêla, vela!
Da discussão stá na tela;
Que sorte o Portella arrasta?
Portella não grêla, vela!
Da pasta se afasta e basta!

Grita, se agita, se irrita;
E geme e treme e se preme!
Lagartos, cobras vomita,
Grita, se agita, se irrita!
Portella se precipita...
E' capaz de alguma... freme,
Grita, se agita, se irrita,
E geme, e treme e se preme!

Nabuco passou-lhe a perna...
Seu Nabuco, que mau gosto!
Diz do voto a voz superna:
Nabuco passou-lhe a perna!
Vae matar numa taberna
O Portella esse desgosto!
Nabuco passou-lhe a perna...
Seu Nabuco, que mau gosto!

Mal a noticia espalhou-se
Houve cbaranga e foguetes!
E Minas regosijou-se
Mal a noticia espalhou-se!
Fosse lá pelo que fosse,
Deram-se muitos banquetes;
Mal a noticia espalhou-se
Houve cbaranga e foguetes!

Regosijar-me quizera
Mas eu não me regosijo!
Quem me dera! Quem me dera!
Regosijar-me quizera!
A apuração foi sincera,
Os votos foram de rijo...
Regosijar-me quizera,
Mas eu não me regosijo!

Temos terceiro escrutinio...
Quem será o deputado?
D'esta cam'ra no dominio
Temos terceiro escrutinio...
Zé Marianno, Patrocínio,
Cuidado! muito cuidado!
Temos terceiro escrutinio,
Quem será o deputado?

Cotegipe é mono velho
Não mette a mão em combuea!
Olhem todos p'ra este espelho,
Cotegipe é mono velho!
Nisto metto o meu bedelho
Osso nenhum me embatua:
Cotegipe é mono velho
Não mette a mão em combuea!

De regosijo em signal
Deixo prompto este foguets!
Hei-de saltar o afinal
De regosijo em signal!
Conservador, liberal
Morre ou não o gabinete?
De regosijo em signal
Deixo prompto este foguete!

MELIBEU

JORNAES E REVISTAS

Apareceu-nos finalmente, toda bisarra e garrida, *A Vida Semanaria*, n. 10, primeiro numero da segunda epocha d'esta interessante folha de S. Paulo, que de litteraria passou a ser agora illustrada.

O caricaturista da *Vida Semanaria* é o Bento Barbosa, que foi nosso collaborador e desenhista do finado *Gryphus* nos seus dois ultimos numeros. E' um rapaz de talento, que tem originalidade e graça; as caricaturas da *Vida Semanaria*, embora prejudicadas pela pessima impressão lithographica, são muito boas e espirituosas, principalmente as da primeira e da ultima pagina.

O texto é scintillante, escripto em bella prosa e magnificos versos. Adivinham-se as pennas diamantinas de Olavo Bilac, Alfredo Pujol e Castro Lima. Ha umas *Cartas Chinezas* e uma *Canção de hynverno*, em versos tão hrihantes, tão lindos, tão originaes, que a gente fica pezarosa por não ser em verso o texto todo. Isto não quer dizer que a prosa não seja igualmente boa e saborosa; mas, emfim, o verso sempre é verso, e nós cá, que somos todos poetas como o diabo, preferimos ouvir as pandeiretas da rima gaiats, quando

agitadas pela mão agil e nervosa de um artista do raça.

Viva a *Vida* por longos o bons annos, livre de molestias e de credores.

O n. 2 d'O *Tentamen*. Muito interessante.

O *Grito* do povo n. 11. Traz um artigo sobre estrangeiros no Brazil. Ai!..

Do grupo dos Girondinos (Fenianos) recebemos o terceiro numero d'A *Seringa* de Momo.

Ataca, Felipe!..

A *Revista Illustrada* insere em seu n. 461 boas caricaturas. Na sua pagina central tracta d'O *nosso estado sanitario* e na ultima das *contradanças* na *Imprensa*.

Texto excellente, em que promete para muito breve «algumas agradaveis surpresas.» Venham ellas.

Temos o n.º 7 d'A *violeta*; dá-nos na sua primeira pagina, em ouro, os bellissimos tercetos de Raymundo Corrêa *Luizinha*, nas outras bons versos e magnificos trabalhos em prosa.

Um mimo!

A.

A DESCIDA

Homem, remove este rochedo e a rara galeia interior contempla e estuda; desce, e da terra pela ossada muda leva tua rasão de sciencia avari.

Na treva esvabe-se a luz, ba pouco clara, o ar em sulphureo gaz já se transmuda; coragem! desce, e os seculos saúda, desce mais, desce mais: Agora pára!

Mas não,—lá fulge um fogo subterraneo: — e mergulhas no cerebro do globo, — e lbe penetras de outro lado o craneo.

Desce, não! Sobe agora; um brilho intenso invade o corpo, e num heroico arrouho eis-te boiando no oceano immenso!

AUGUSTO DE LIMA.

PAGINAS ESQUECIDAS

De vez em quando é bom e é, sobretudo, util lançar uma vista retrospectiva ao nosso passado litterario e artistico, porque só assim poderemos avaliar o progresso que tenhamos feito e julgar com acerto do grau de adiantamento, do real valor das nossas letras e das nossas artes no actual momento.

Melhor é isso ainda quando se pôde fazer ouvir, boje, uma vez auctorizada que tenha julgado o Brazil litterario de ha 15 ou 20 annos, porque então os documentos pelos quaes devemos julgar o actual serão isentos de suspeição. Ora, nenhuma voz mais auctorizada que a de Machado de Assis, que não é o chefe da litteratura brazileira actual, porque a litteratura de um paiz não tem chefe; pôde ter mestres, summidades, directores do seu movimento, orientadores do seu espirito: — chefes não.

Machado de Aseis é uma summidade, um mestre.

Parcecu-nos que seria curiooso desempoeirar do esquecimento, exhibir á

luz do momento actual o que elle creveu ha 14 annos sobre a litteratura brazileira.

Por isso encetanoe em seguida a publicação de um notavel estudo dado á estampa no *Novo Mundo*, numero de 24 de Março de 1873, pelo eminente escriptor dus *Memorias posthumas* de *Braz Cubas*.

Noticia da actual litteratura brazileira

INSTINCTO DE NACIONALIDADE

Quem examina a actual litteratura brazileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instincto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas litterarias do pensamento buscam vestir-se com as cores do paiz, e não ha negar que similhante preocupação é symptoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre, e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aquelles continuaram as de José Basilio da Gama e Sancta Rita Durão. Eecusado é dizer a vantagem d'esta universal accordo. Interrogando a vida brazileira e a natureza americana, proadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando physionomia propria ao pensamento nacional. Esta outra independencia não tem Sete de Setembro nem campo de Ypiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sabir mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ella até perfazel-a de todo.

Sente-se aquelle instincto até nss manifestações da opinião, aliás mal formada ainda, restricta em extremo, pouco sollicita, e ainda menos spaixonada nestas questões de poesia e litteratura. Ha nella um instincto que leva a applaudir principalmente as obras que trazom os toques nacionaes. A juventude litteraria, sobretudo, faz d'ista ponto uma questão de legitimo amor proprio. Nem toda ella terá meditado os poemas de *Uruguay* e *Caramuru* com aquella attenção que tses obras estão pedindo; mas os nomes de Basilio da Gama e Durão são citados e umados, como precursors da poesia brazileira. A razão é que elles huscaram em roda de si os elementos de uma poesia nova, e deram os primeiros traços de nossa physionomia litteraria, enquanto que outros, Gonzaga por exemplo, respirando aliás os ares da patria, não souberam desligar-se das faixas da Arcadia nem dos preceitos do tempo. Admira-se-lhes o talento, mas não se lhss perdôa o cajado e a pastora, e nisto ha mais erro que acerto.

Dado que as condições d'este escripto o permittissem, não tomaria eu sobre mim a defeza do mau gosto dos poetas arcadicos nem o fatal estrago que essa escola produziu nas litteraturas portugueza e brazileira. Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniaes, iecados d'aquelle mal; nem igualmente justa a de não haverem trabalhado para a independencia litteraria, quando a independencia politica jazia ainda no ventre do futuro, e mais que tudo, quando entre a metropole e a colonia creára a historia a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de Basilio da Gama e Durão quizeram antes ostentar certa cor local do que tornar independente a litteratura brazileira, litteratura que não existia ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.

Reconhecido o instincto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes ultimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos historicos de uma nacionalidade litteraria; esta investigação, (ponto de divergencia entre litteratos) além de superior ás minbas forças, daria em resultado levar-me longo dos limites d'este escripto. Meu principal objecto é attestar o facto actual; ora, o facto é o instincto de que falei, o geral desejo de crear uma litteratura mais independente.

A appareição de Gonçalves Dias chamou a attenção das musas brasileiras para a historia e os costumes indianos. Os *Tymbiras*, *Y-Juca-Pyrama*, *Tabira* e outros poemas do egregio poeta acenderam as imaginações; a vila dos tribus, veucidas ha muito pela civilisação, foi estudada nas memorias que nos deixaram os chronistas, e interrogadas do poeta, tirando-lhes todos alguma cousa, qual um idyllio, qual um canto epico.

Houve depois uma especie de reacção. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semi-barbaros anteriores á nossa civilisação, o que era verdade,—e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existencia da raça extinta, tão differente da raça triumphante —o que parece um erro.

É certo que a civilisação brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem d'elle recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribus veucidas os titulos da nossa personalidade litteraria. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é materia de poesia, uma vez que traga as condições do bello ou os elementos de que elle se compõe. Os que, como o Sr. Varnhagen, negam tudo aos primeiros povos d'este paiz, esses podem logicamente excluir os da poesia contemporanea. Parece-me, entretanto, que depois das memorias que a este respeito escreveram os Srs. Magalhães e Gonçalves Dias, não é licito arredar o elemento indiano da nossa applicação intellectual. Erro seria constituir o um exclusivo patrimonio da litteratura brasileira; erro igual fôra certamente a sua absoluta exclusão. As tribus indigenas, cujos usos e costumes João Francisco Lisboa cotejava com o livro de Tacito e os achava tão semelhantes aos dos antigos Germanos, desapareceram, é certo, da região que por tanto tempo fôra sua; mas a raça maaadora que as frequentou, colheu informações preciosas e nel-as transmittiu como verdadeiros elementos poeticos. A piedade, a minguaem outros argumentos de maior valia, devora ao menos inclinar a imaginação dos poetas para os povos que primeiro beberam os ares d'estas regiões, cnsorcendo na litteratura os que a fatalidade da historia divorciou.

Esta é boje a opinião triumphante. Ou já nos costumes puramente indianos, taes quns os vemos nos *Tymbiras*, de Gonçalves Dias, ou já na lucta do elemento barbaro com o civilisado, tem a imaginação litteraria do nosso tempo ido buscar alguns quadros de singular effeito, dos quaes citarei, por exemplo, a *Iracema*, do Sr. J. de Alencar, uma das primeiras obras d'esse fecundo e brilhante escriptor.

Comprshendendo que não está na vida indiana todo o patrimonio da litteratura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal,

não se limitam os nossos escriptores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilisados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de bojs, igualmente offerecem á imaginação boa e larga materia de estudo. Não menos que elles, os convida a natureza americana, cuja magnificencia e esplendor naturalmente desafiam a poetas e proeadores. O romance sobretudo apodrou-se de todos esses elementos de invenção, a que devemos, entre outros, os livros dos Srs. Bernardo Guimarães que brilhante e ingenuamente nos pinta os costumes da região em que nasceu, J. de Alencar, Macedo, Silvio Dinarte (Escragnolle Taunay), Franklin Tavora, e alguns mais.

(Continúa.)

PARA SEMPRE!

*Quebramos, loucos, a mimosa taça
em que nós ambos o prazer bebemos,
que da affeição nos extasia supremos
o amor nos deu.*

*Rindo enterramos a chimera soada
que nossos peitos affagaram, leve,
e que sumio-se como nevoa breee
no azul do céu.*

*Em vez dos crepes da tristeza negra,
do triste pranto das pungentes dôres,
jazem sepultas em maná de flores
nossas paixões.*

*Cedo, bem cedo, no rumor da vida,
hemos de ver-nos nos salões festivos,
e passaremos, sem rancor, esquivos,
co'as multidões.*

*Se nos falarmos, no calor da festa
has de apoiar-te no meu fino braço
e nós iremos, valentando o passo,
a conueçar...*

*Censuraremos um milhão de cousas:
— a calma, os bailes, os vestidos caros,
e hão de, escutando nossos rios claros,
nos invejar.*

*Dejeis, mais tarde, acabarão as valsas,
as notas, lentas, morrerão, vibrando
e ha de nas sombras se esprañar, findando,
todo o rumor.*

*Nós partiremos, partiremos ambos,
ambos soismando nessa noite linda,
ambos sentindo uma saudade infinda
do morto amor...*

ATASIUŠ NOLL.

NOTAS PHILOLOGICAS

A evidencia dos resultados da investigação philologica origina-se do rigor critico de seus processos, das bases solidas fornecidas pela comparação e pela historia.

Apezar d'isto vêm-se quotidianamente etymologistas e grammaticos fazerem publica confissão de que não existem leis no dominio da glottica, mas simples *tendencias*. Esta commoda theoria proporciona a vantagem de fornecer-lhes um campo de arbitrio onde todos

os saltos, violações e disparates são cousas permissitilas.

Assim, não é raro notar que existam philologos que derlvem ain-la boje o verbo *ser* de *esse*, seja de *sim*, etc.

A verdade, porém, é que o noss verbo *ser* tem conforme os seus tempos, origem dupla ou latim: *esse* e *sedere*.

O proprio francez *être* tem a origem dupla em *esse* e *stare*.

Não é, de todo, improficua a tarefa de demonstrar na lingua vernacula o que já ficou estabelecido ha uns bons cincoenta annos para a lingua castelhana.

No latim barbaro do occidente nota-se que *sedere* tinbu tomalo o sentido de *aptum esse*, como affirma Ducange. Não só isto. No ltim lusitano o verbo *esse* é constantemente substituído por *sedere* e, d'entre outros, respigo o exemplo seguinte:

Plazum facio ut *sedens* liver. (1)

No antigo portuguez, existiram as formas *semte* *sedentem* *seydonro* (*sedituros*) inexplicaveis pelo verbo *esse*. O proprio infinitivo *ser*, ant. *seer* so se explica pela forma *sedere*, syncopada, como era usual. (*Vér* de *videre*, *vêr*, ant.)

As formas *sedes*, *sois*, não se explicam por *estis*, mas por *sedetis* e a prova é que existiu a morphose *sedes*, ninda empregada por Camões, no *Filodemo*, conforme asseveram diversos lexicographos e nomeadamente Moraes.

O plebeismo *semos* por *somos* é ainda um vestigio de *sedemus*.

Como se poderá explicar o imperfeito *seia*, *seíamos* por intermedio de *eram*? No entanto, no *Vobiliario*, *seiam* equivale a *eram*, *estavam*, e o proprio Moraes o affirma.

Houve, pois, um verbo *ser*, antigo *seer*, que se confundiu morphicamente com a conjugação do verbo *sou* de *sum*.

Que este verbo *seer* fosse o verbo *sedere*, não ha para mim a menor duvida, pois algumas vezes apparece com o seu significado primitivo: *estar sentado*. Eis o facto conservado em um rfião citado no Prologo da *Eufrosyna*: Quem bem *see* não se levanta.

É ainda:

Tu que *sees* na seda... (2)

Averiguado, pois, que o verbo *esse* latino tem duas radicaes *fu* e *as*, convem assignalar a existencin de terceiro *sed*, na conjugação vernacula.

JOÃO RIBEIRO.

CASOS PATUSCOS

Em o *Noticias* de 13 do corrente foi publicad-a uma longa carta dirigida, de Pariz, ao Sr. Alcindo Guanabara, redactor chefe d'aqnella folha por um senber *Pulcino*, pseudonymo que a redacção se apressou em arreagaçar para que o mundo soubesse que o cavalheiro que nelle se embuça chama-se Jorge Pinto, e é doutor em medicina.

(1) Vem documentado em minha *These de concurso*, parte II, loco.

(2) Recolhidos por Moraes—V. *seer*. A palavra *seda* significa: cadeira. *Eluc*.

Tem essa carta por objecto a apothese do Sr. Luiz Murat—que *Pulcino* considera o primeiro dos poetas cá da terra, auctor dos mais bellos versos escriptos na lingua de um tal Camões—à custa do depreciamento de todos os outros em geral e especialmente de Raymundo Corrêa, Luiz Delfino e Alberto de Oliveira, a quem o recommendo critico chama com uma perfurante ironia *boulevardière*—o Sr. Oliveira, o Sr. Raymundo, o Sr. Luiz Delfino—em todo o desdenhoso e feroz respeito com que se refere ao porteiro ou ao cocheiro do *fiacre* que o leva, uma vez por meza aos hospitaes em que estuda, a criticar... defunctos.

Esse parcial e apaixonado artigo fô já reduzido ao seu justo valor pelo implacavel bom senso e desassombroso humorismo de Arthur Azevedo, na mesma referida folha, no dia immediato ao da sua publicação.

Quer *Pulcino* quer o Dr. Jorge Pinto, nem um nem outro mereca refração eéria. Os seus productos criticas são como essas cobrinhas sulfuricas, de Pharaó chismadas, que, para regalo de meninadu saem, em roscas de fogo, d'inferior arreagaçado de uns carcutos Bonapartes de chumbo: são para cinza de triste apparencia. Os piparotes de *Eloyo heroy* dispersaram ao vento das bhofas a futua epistola do critico *Pulcino* (pseudonymo que lhe assenta como uma lava.)

Não é, pois, para rebater-lhs os golpes coléricos que venbo patuscar um bocado com elle.

É só para divertir *mes dames et mesieurs* com a lexicologin, com a vernaculidade que este critico nos manda de Pariz, aliás sem ninguem lh'as pedir. Vou traeladar seccamente alguns preciosos *echantillons* da grammatica e do estylo do bomezinho, deixando ao leitor, tão pio quanto desventurado, a liberdade de morrer de assombro ou de... riso.

Atenção! Começo a desfilar o rosario: «... nesta capital da França, onde estou ha tantas mil leguas de distancia d'elle, de ti e dos mais bons amigos» (Que estylo! Puro Obá!)

«... mas essa infeliz circumstancia não impede certamente a que aprecie os bons versos etc.» e, pouco adiante: «Estes defeitos, que ligeiramente aponto, não impedem, comtudo a que etc.» (Lamentavel reincidencia!) Que pureza!

«Raymundo Corrêa é seguramente um poeta superior, verdadeiro artista dotado de uma impecavel correcção de forma, o mesmo não se podendo, porém, dizer da sua imaginação pobra de grandes productos e por de mais eufezada para *ascender* grandes alturas.»

Isto é: não se pode dizer que a imaginação de Raymundo Correa seja «um poeta superior, verdadeiro artista etc.» Que clareza!

«Elle e o Sr. Raymundo são um contraste vivo: o que a um eobra, ao outro... não direi que *falha* absolutamente, mas pouco *resta*» (Que belleza!)

«Os versos de Murat tocam o espirito mais refractario ao Belli, impressionando-o quer pela *tonalidade harmoniosa*, quer pela *doçura em motividade e belleza do sentimento poetico*... Entenderam? Eu, por mim entendo malbor aquella celebre tirada do Mentor: *Votillações acrobaticas*...

«... e no entretanto, sempre passei por ser na minha frsguezia o burguez mais pachorrenito, mais material, mais burgoez, emfim, que *Phebo* alumina»

e dilata os póros.» Hão de convir que esta regencia syntactica: «o burguez que *Phebo* dilata os póros» é... epica! epopeiana, ultra-patueca! Irra! E' de escachar «um leitor, o mais inenaveável possível» como escreveria *Pulcino*.

Mais adiante diz elle da lyra do seu querido e predilecto poeta: «A sua lyra vibra indistinctamente todas as cordas.» Esta agora é nova, é novissima. Não é o poeta que vibra a lyra, não são as cordas da lyra que vibram, uada, isso foi outr'ora, antes do Dr. Jorge Pinto ir A capital do mundo: agora as lyras é que vibram as suas proprias cordas, e—indistinctamente, o que é muito mais grave, o que é gravissimo, com seiscentos milhões de raios!

Agora—paz aos cós das calças—agora respondam sinceramente todos, os proprios amigos do Dr. Pinto, o proprio poeta endeosado por elle, respondam:—Que auctoridade critica pode ter quem escreve por essa forma? que valor, que apreço se podem dar a artigos—eucomiasticos ou vituperantes—ecriptos com tal syntaxe, com tal estylo? Para que alguém se possa arrojar o direito de apreciar os trabalhos alheios, é preciso, antes de tudo, que conheça a lingua em que elles são ecritos.

O Dr. Pinto acabou o seu deopilante artigo aconselhando ao seu amigo Alciudo: «Menos politica e mais litteratura, meu caro».

Pernita-me o Dr. Pinto que, como sincero amigo da grammatica e dos futuros clientes de S. S. lhe aconselhe amigavelmente, por meu turno, para aalvação das regras de concordancia e dos doentes:

«Meu caro, menoa litteratura e mais medicina!»

FISCHIO

AMOR EPHEMERO

«Era a noite da loucura»
(A. GARRETT.)

I

Hontem, quando escurecia,
Conforme antigo costume;
No jardim me distrnhia
Gosando o morno perfume.

E, nesta alegre visita,
Perto do caramanchão
Vi uma coisa exquisita
Que chamou minha attenção.

Um galho do jasmineiro
Gesticulava no espaço,
E a haste dobrando, ligeiro
Fazia o nó de um abraço.

Perto, uma roaa vexada
Movendo-se brandamente,
O'a bocca alegre e encarnada
Ria, talvez innocente....

II

Hoje, sobre o chão esqualido
Achei, da historia amorosa,
Um jasmim tristonho e pallido
Juncto ás petalas da rosa.

J. MORAES SILVA.

THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

A companhia italiana do artista G. Emanuel representou no sabbado a sociedade onde a gente se aborrece.

Esta bella comedia foi um triumpho para Virginia Reiter e um desastre para todos os outros artistas da companhia.

Virginia fez de uma maneira encantadora, adoravel de graça e de iugenuidade, o papel de Suzana.

Foi deliciosa e graciosissima em toda a peça, dando um singular relevo ao papel da traveasa e gentil pequenita.

Emanuel no papel de Raymond parecia um athleta a representur um anão. Exquisitos, estes caprichos dos grandes artistas!

O ensemble foi detestavel.

Na quarta-feira Emanuel representou o *Kean*.

Todos sabem o que vale esta comedia como composição theatral. Um *particípio* incongruente, desordenado, desigual e extravagante. *Kean* não chega a ser uma figura dramatica apreciavel. E' um pretexto mal amanhado para fazer sobressahir um actor. Falta-lhe a verdade historica como lhe falta a cohesão esthetica. Não tem character artistico como não tem feição individual. Declamador o rhetorico, *Kean* nem tem ao menos o fundo essencial de verdade que caracteriza muitos personagens românticos de theatro.

Com estas condições, bem sabiamos que o personagem de Dumas não era trabalho para o grande artista que faz da verdade o summo sacerdotio da sua arte.

O valor unico do papel de *Kean* é ser brilhante: precisa pois de um actor brilhante, e esta qualidade, como a comprehendem em geral as plateias, fallece completamente ao assombroso actor italiano.

Mas, além do que nós presumiamos de Emanuel no papel de *Kean*, partindo do principio de que um artista veraz não pode fazer um personagem falso no fundo e na forma, haviam-nos dicto que o *Kean* de Emanuel fóra em S. Paulo — um fiasco.

Pois, senhores, vimos o grande artista no pequeno papel, e não pudemos deixar, com todo o publico que enchia o theatro naquella noite, de lhe interromper logo o segundo acto com tres valentes rodas de palmas!

Aquillo é que se chama extrahir oiro do *plaqnet* e fazer diamante um pedaço de carvão! Realmente não se pode dizer com mais delicadeza, com mais colorido, com mais convicção, o dialogo com Anna Damby.

Kean ali não representa, não declama; interessando-se pela infeliz menina, dá-lhe os seus conselhos de experiente, acompanhados, precedidos e seguidos de um gesto tão eloquente, tão convencido, tão natural e tão insinuante, que o espectador vê clara e nitidamente que aquelle homem sente o que diz e que não faz mais do que communicar ao espirito de outrem as suas dolorosas observações, as desilusões e os sonhos defeitos pela exper-

riencia de uma vida de luctas e de trabalhos.

O terceiro acto foi feito com muita sobriedade e cuidado, sendo interpretada a scena com lord Mewil com mais ironia e desdem do que exploração e violencia.

O quarto acto foi representado admiravelmente. Emanuel deliciou-nos ainda com a repetição d'aquelle estupendo monologo do *Hamlet*, que elle diz de uma maneira estupificante e inenarravel!

Um bello traço de observação: Emanuel no *Kean* deixa, de vez em quando, pelas maneiras e pelos gestos, perceber o antigo saltinbanco, e homem polido pelo attrito elegante do theatro, que, entretanto, não se divorciou inteiramente do seu meio primitivo, meio que elle continua a frequentar nas orgias e nos brodios das tabernas de Londres, entre marinheiros e vadios.

Emfim, não diremos que Emanuel representa o *Kean* melhor ou peor do que os outros artistas que temos visto nesse papel; mas o seu trabalho é proprio, é original, tem a feição accoutuada da sua esthetica e da sua maneira de ver a arte.

Virgínia foi uma Anna Damby apenas razoavel, nem e papel, aparado como está, lhe permite fazer grandes coisas.

Aleotti, sempre correcta, deu bastante relevo ao papel de Helena. Valenti foi um bom Solomão.

Dos outros artistas ao poderiamos dizer mal, e já agora, não vale a pena. Como o Sr. Marquez noa fez ter anudades d'aquelle incomparavel Principe de Galles que nos deu o Augusto Rosa!

A companhia italiana representa hoje *Ruy-Bias*, de Victor Hugo; segunda-feira a tragedia *Arduino d'Ivréa* — e na terça, por despedida — o *Nero*.

RECREIO

Continúa neste theatro o successo de *Lucrecia Borgia*, o grande drama de Victor Hugo, magnificamente montado, com bellos scenarios e soberbes vestuarios, e com um desempenho regular. Esta peça tem sido muito applaudida pelo publico, que todas as noites enche o theatro.

A companhia está montando com todo o apparato e brilhantismo o grande e celebre drama *Naufragio da fragata «Medusa»*.

Desligou-se da companhia d'este theatro a distincta actriz Helena Cavalier.

Helena Cavalier numa empresa dramatica vale por tres ou quatro artistas: representa todos os generos, desde a farça até a tragedia, desde a interessante viuvinha do *Amor por Anexas* até a Theodora do *Gran-Galeoto*, — e todos bem, pelo menos a contento do publico, que a applaude sempre.

Deve, pois, fazer grande falta ao Recreio.

SANT'ANNA

A *Princesa Flor de Maio*, com o seu sumptuoso luxo de scenarios e vestua-

rios, tem attrahido a este theatro uma concurrencia enorme.

Já entrou em ensaios a opereta *O molheiro de Alcalá*, extrahida pelo Garrido do conhecido romance hespanhol *O chapéu de tres bicos*.

A musica é lindissima.

PRINCIPE IMPERIAL

Na quinta feira a exoellente companhia d'este theatro, dirigida pelo projecto e habil Adolpbo de Faria, deu-nos a primeira da *Bearneza*, opera-comica em 3 actos, de Leterrier e Vnnloo, traduzida por Azeredo Coutinho e Figueiredo Ooimbra, musica de A. Messenger.

E' uma peça bonita e engraçada, e está traduzida com cuidado e espirito. A musica é em geral muito boa. Tem trechos de uma grande originalidade e *couplets* muito graciosos.

O desempenho foi muito bom. Ciaira Polonio fez com graça e *entrain* o papel de protagonista. Infelizmente, a voz não a ajudou na primeira noite, de sorte que ficou prejudicada a bella parte musical do seu papel.

Herminia representou e cantou muito bem o papel de Bianca. Deu-lhe um grande relevo e aproveitou com arte umas situações bastante pobres do seu personagem. Além d'isso vestio-se á *merveille*. Candelaria e Felicidade tambem fizeram bem os seus insignificantes papeis.

Mattoa apresentou um typo notavel — um velhos decrepito, muito bem sustentado sempre, com graça o naturalidade.

Macbado foi um Pomponio impagavel e trouxe sempre a plateia em constante hilaridade. Germano fez muito bem o typo originalissimo de Fritellini.

Engenio tem progredido. Fez rasovelmente e cantou bem o papel de Perpignac.

Teixeira, Louro e Felipe, em papeis insignificantes, concorreram pna o agradável *ensemble*.

A peça está montada com muito capricho e luxo; vestuarios novos e de grande riqueza, scenarios bons, destacando-se o do primeiro acto, que é belissimo e de grande effeito, pintado por Coliva, que, incontestavelmente, é um artista notavel, que tem muita talento e gosto.

A orchestra portou-se bem. A musica foi ensaiada com capricho por Adolpbo Lindner.

A concurrencia foi regular e a peça appludida repetidas vezes pelo publico.

Temos *Bearneza* para muito tempo pelo que damos os parabens á empresa e aos traductores.

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

FESTA INDUSTRIAL

Os honrados e activos proprietarios, da importantissima fabrica de calçados da rua da Alfaudega numero 139, as Srs. Ferreira, Nicolau & C, festejaram com toda a pompa e esmero, na tarde de 7 do corrente a ceuusão das obras do seu estabelecimento, com um

esplendido banquete, seguido de animado baile, offerecido aos seus operarios e empregados e numerosos convidados.

O edificio da fabrica achava-se ornado caprichosamente e illuminado.

A concurrencia foi extraordinaria e o jantar sorvido a mais de 400 pessoas, em varias mesas, provisoriamente levantadas no immenso salão, e por esta occasião trocaram-se muitos brindes. Findo o banquete começaram as danças que foram animadissimas.

Parabens aos estimaveis industriaes Srs. Ferreira, Nicolau, & C. pelo em grandecimento de sua fabrica, que é digna de ser visitado, pois contem notaveis machioas e alem d'isso pela perfeita ordem em que são feitos os seus trabalhos dando logar e enormes exportações, o que se prova com a sua avultada feria, que excede de 25.000\$000 por mez.

CONONESSO BRAZILEIRO

Este importante e patriótica Sociedade, deu na noite de 7 do corrente um grande earáu-concerto, para comemorar o data da Independencia do Brazil.

Começou esta bem dirigida festa pelo concerto, sendo o organisador do programma o estimavel Sr. Eduar de Delduque. Fizeram parto d'elle e o desmpenharam com muito brilhantismo as distinctas amadoras D.D. Jorge Brito, M. Gambôa, E. Queiroz e E. Gombôa, e os amadores os Srs. A. Motta, H. Fluminense, L. Rossi Junior, H. de Lemoë, e Drs. B. Gambôa F. Valle.

Findo o concerto, que foi muito applaudido, seguiu-se o baile, durante o qual reinou sempre a maior animação.

Peln mdrugada foi servida um excelente ceia, em aprazivel boeque, para osse fim preparado em um dos salões do edificio, durante a qual trocaram-se varios brindes.

O festival terminou ao romper dia.

A Sociedade Recreativa S. José realisou, com regular concurrencia, no sabbado passado, o seu saráu d'este mez.

O baile foi muito animado e prolongou-se até as 6 horas da manhan. Foi em tudo umna magnífica festa.

TIO ANTONIO.

PRIMAVERA

(A RAYMUNO CORRÊA)

Quando surge no céu a luz primeiro Da primavera que nos traz fulgores, londa-se de amor e terro Inteira, A terre Inteira se desata em flores.

Enchem-se os prados de gentis centores, Medra o lirio no val, cresce e palmeira, O orvalho pelas folhas se penelra, Cobrem-se os montes de subis vapores.

O céu azul revestê-se de encantos, Koche-se o espaço de festivos cantos Pores, vibrantes, matioses, risoobos...

Tudo caots, sorri, palpita e fals Es alma, aberts em flor, á luz dos sonhos, Todo o perfume de existancia exbala!

ALVARO MARTINS.

COFRE DAS GRAÇAS

Pergunta-se:

— A um homem que só vê de um dos olhos, chama-se — *caólio*; ao que só tem um braço — *maneta*; ao que só tem uma perna ou só de uma é perfeito — *perneta*; como se deverá chamar a quem só ouça de um dos ouvidos?

No club Beethoven:

— Como! conselheiro, oão tem mais cabellos brancos?!

— Ah! meu caro, isso é bom para os moços!

Um dicto de Emilio Augier:

« Quando envelhecemos, cercam-nos de respeito e cuidados.

Dão-nos os melhores logares e os melhores bocados... Infelizmente, porém, a velhice não volta! »

No *Café de Londres*.

Sentam-se dois rapazes a uma mesa.

— *Gorçon*, uma chicara de *rubeacea negra*, simples; diz um.

O caixeiro adivinhou que era café o que o freguez queria, por vel-o virar uma chicara.

Mas um outro, virando também uma chicara, pediu:

— Para mim, *rubeacea negro* também mas com *lynphe calida*.

O caixeiro, atordoado, hesitou um instante; depois, com resolução, servio o freguez de café com leite.

— Oh! desgraçado! *Lynphe calida* é agua quente!

— Ah! não sabia... V. S. pediu isso em latim!

E' authentica.

BIBIANO.

FACTOS E NOTICIAS

Receberam-se em matrimonio no dia 3 de setembro, nesta Corte, o Sr. Jose Vasco Ramalho Ortigão, filho do illustre escriptor d'As Farpas, e a Exma. Sra. D. Amelia Marques, irmã do estimado uegociante desta praça José Antonio Marques Nunes, da firma Villa-Verde & Nunes.

Parabens.

SPORT

A nossa corrida realisada no domingo passado pelo Prado Villa Izabel, esteve bastante concorrida e animada apezar do tempo chuvoso.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º, 1450 metros, Hebréa em 99 segundos, fez brilhante corrida, sahido vencedora de Aymoré que perdendo por cabeça, obteve o 2º logar, ainda não astaudu convenientemente preparado. Serodio em 3º logar. Também correram Ondina, Rabicano, Venzza, Rigoletto,

Barão de Pitussú e Verbena que não mereceram classificação. Rateio 20\$500.

No 2º, 1450 metros, inscreveram-se 19 parelheiros, dando logar a ser dividido este pareo em duas turmas do seguinte modo imparea e pares:

Na 1ª turma Monitor em 98 segundos, facilmente foi o vencedor. Medon chegou em 2º e Aldece em 3º. Não tivram classificação. Briosso, Rabecão, Bonita, Araby, Verbena, Jenoy e G. Boulonger. Rateio 13\$800.

Na 2ª turma Boyordo em 98 segundos com facilidade venceu os ssus adversarios. Fagote em 2º logar e Tsmpesta de em 3º. Citana na bagagem. Gambetta, Erso, Feiteira, Bayoco e Pretoria não correram. Rateio 15\$200.

No 3º, 1450 metros, Ormonde em 95 segundos venceu com facilidade a Visiere que chegou em 2º e em más condições, parecendo nos ter desmerscido. Cancanière e Duc não mereceram classificação. Kumarita, Rapid, Ch. Cleor e Sir Tellamond não correram. Rateio 15\$600.

No 4º, 1800 metros, Coupon s Mirzador fizeram boa corrida vencendo este ultimo pela pericia do seu jockey, em 122 segundos. Coupon teve o 2º logar, por ter sido mal corrido. P. eruna em 3º e Dr. Cacete na bagagem. Rateio 13\$000.

No 5º, 1800 metros, Sibylla em 123 segundos, com facilidade venceu os seus competidores. Regente que chegou em 2º logar, fez boa corrida. Dandy em 3º. Diva e Druid não correram. Rateio 11\$000.

No 6º, 1800 metros, Remise sahiu victoriosa em 122 segundos, com alguma facilidade. Rabelais obteve o 2º logar, sem esforço. Paraguaya em 3º logar. Siva, Phenicia, Poëdra e Castiglione não mereceram classificação. Pancy s Bonaparte não correram. Rateio 21\$400.

No 7º, 1000 metros, Sibylla foi vencedora em 66 segundos fazendo esforço. Odalisca chegou em 2º logar e Biscaia em 3º logar. Medon, Contralto e Villa-Nova não mereceram classificação. Tempestade e Phalena não correram.

O jogo da *poule* attingin a regular somma de 103.620\$000.

Com um programma importante e bem organizado realiza amanhã o Derby-Club uma esplendida corrida.

Os pareos estão preenchidos pelos melhores parelheiros que actualmente correm em nossos hippodromos e constituidos de tal modo que difficilmente poderemos com segurança apontar os vencedores.

Baseados, porém, em alguns conhecimentos sobre o assumpto apontaremos como provaveis os seguintes palpites:

1º pareo — Ormonde; 2º Odalisca; 3º Apollo; 4º Boreas; 5º Phrinéa; 6º Mirzador; 7º Gambetta (faltando este Boyardo); no pareo supplementar— Olinda.

Azaras — Druid, Claretto, Diva, Le Loup, Araby, Paraguaya, Honblou, Satan e Huguenote.

L. M. BASTOS

CORREIO

Sr. Z. J.—E digam lá que em Santos não ha jovens esperançosos capazes de fazer quatorze versos dignos de leitura

e sem signer nma injuria á grammatica?! Digam lá que não! Existe, sim senhores e como prova ahi vae um soneto do Sr. Z. J. será Zebedeu, o homem? lotitulado Amelia e que é bem bonitinho. Eit-o:

AMELIA

O' minha pna, minha doce Amelia, Imagem de meus sonhos sorridentes, São os perolins finas de teus deo, es Gostas de orvalho em robida canel!

O teu pelor lembre o pallor de Ophelia, Teu corpo é como um marmore lozente; E tua voz queivosa, lembra á gente O suspiro das suras ne bronelia

O' minha doce Amelia, quem me dera Unir tua face rubre á face ininhe, Os teus dias á minhe primavera!

Tu verias, aligera andorinha, Tu, que foges de mim, qual de uma fere, Que teu temor rszáo de ser não tinba.

Talvez que o amigo preferiseo ver a sua obra na *Collaboração*, mos como eu entendo que a differença não é de palmo e que na *Collaboração* o amigo tinha de ficar cansado de esperar, eis porque a publiquei aqui mesmo.

Sr. R. R. R.—A sua poesia *Uma gatinha*, é ruim, ruim, ruim, 3 vezes ruim. Rasguei-a e pul-a fora e sil-a que, *rola*, rola na rua. Com franqueza, *seu Tras* R R R, o senhor de poeta não tem nada. Ouviu?

A's suas ordens.

Sr. W. K.—Que moxinifade! Pois o Sr. não se envergonha de escrever estas babuzeiras:

« Como o prilampo tnzidor que fulgidoes lancela! »

Tenha juizo, seu aquelle. Que cataplasma é esta? Isto nunca foi lingua de branco. Isto nunca foi gnarary, como dizia o Peixoto no *Bilontra*.

Sr. Kalosintocromocrene.—E' o caso de se dizer: maior é o nome que a pessoa; mas oão digo porque o Sr. Kalos de etc. e tal, tem talento. Tem talento, paro errar, com 600 milhões de jac és!... Pedaco de homem engraca! Desmoralisa a grammatica, o Sr. Piacrocromo etc, etc, e diz asneiras com tanto chiste, que seria capaz de fazer arrebentar de riso o proprio Morro do Nhaco. No entanto aposto que o mundo, quo deu entrada na gloria a Victor Hugo, Camões e outros que taes, hade deixar este monstro de graça apodecer a um canto, coberto de mofo como qualquer molambo velho. Não de ver só que a Humanidade ha de deixalo áe moscas! Não de ver.

Sr. P. S.—O senhor é a vergonha da familia. Os seus versos são podem servir para bucha de espingarda. E que titulo: *Aurora motutina*. Ora dá-se!...

Final, não é a lyra n que o Senhor tange, é para ahi um urucuogo velho ou um rabecão... sem cordas. Os seus versos trazem-me á lembrança esta conhecida cantiga de fado:

« Sim senhor, seo Estadão Não come farinha secece Que lhe fez opilação. »

Ou esta outra que os violeiros cantam, ao repinicar da viola, e com a menina do olho prsgada na cumieira da casa:

Ni-guem, ni-guem se admira Do macaco fazer rende, Eu já vi uma perda Ser calzeira de nua venda. » O vápó berredé etc

Cantigas estas que enchem de goso os thebas de topeteira e as mulatas de carago, quando regamboleiam nos jequipangas.

Sr. Paio Peres Pio—Cada nome! Santa Barbara!... O senhor, seu homem, quer dizer ta tá mas não lhe chega a lingua. No lognr em que o Senhor escreveu *soneto* devia ter escripto: monstruosidade! Em todo caso, seu Paio, como sua mercê intitulado a sua quitanda de *soneto*, vá feito.

Realmente causa *sonno*. Também porque diabo, o seu Peres, não o apellidou logo de narcoteto (de narcotico)? porque? Seria muito mais expressivo. Quem tem uma musa como o Senhor tem está livre de uma penhora.

Acho que é desnecessario dizer-lhe que o seu soneto hade ser publicado na *Semana* quando um burro conseguir passar pelo fundo de uma agulha. Nem mais um pio, seu Pio.

Sr. Skating Rink—Eu acho que o Senhor devo padir o dinheiro ao mestre. Se foi assim que elle lhe ensinou as regras da metrificação, pode limpar aa mãos á parede. Misericordia! Sua poesia esta tão inçada de bichos, tão adornada de excrecencias e fistulas, que causa penu! Hospital com ella!... Ora, eu sempre quero que me diga que mal lhe fez a Poesia.

Olhem só que *formosura* de versos:

« Não quero mais este viver estaçalhado »
Desabai furacões tempestades rugitivas
Sobre meu cerebro!...

(Este *celebro* é celebre!) Ora nhô Rink, abra de esse genio! Quem matou seus caboclos? quem quebrou seus tomates, gente?

Não se bote a perder, moço.

Sr. Dis—Se V. S. ao enviar-nos o seu *já se sabe* (quer dizer: o seu soneto) intitulado *dolor*, desejava a nossa opinião franca sobre elle, não devia ter declarado que era um dos nossos assignantes perpetuos, e um dos mais entusiastas admiradores do director da *Semana*, porque declarando-o, fôra preciso sermos uns negros ingratos, ou melhor: uns ingratos negros, uns desalmados, para dizer-lhe: « Seu soneto é uma sogra! » Declarou-o; pois então agente o nosso juizo, que é todo gratidão e reconhecimento, que apenas é dictado pelo *corazon*: « Seu soneto é um mimo, um primor. V. S. é um poetarrão. » Ora ahí tem.

Sr. M. P.—O seu soneto *Espinho negro* será publicado no proximo numero. E' bonito; se já não scintillou nestas columnas foi por falta de espaço. Temos sempre uma enorme copia de versos, e de bons versos, nota. E' preciso ir dando a todaos os poetas um logarinho, para não desgostar a nenbm.

ENRICO.

CORREIO DA GERENCIA

— **Sr. J. R.** (Quissamã) Remetteu-se-lhe o exemplar dos *Vinte Contos* que pedio, como premio; mas não nos consta ainda que V. S. haja pago a sua assignatura d'este anno. Pedimos-lhe entender-se com o Sr. J. D. P.

— **Sr. H. Marinho**, (Rin Bonito) Fez-se a transferencia que pedio.

— **Sr. A. C. P. Franco** (Ouro Preto) A colleção, encadernada, da nossa folha, do anno de 1885 custa 12\$000; a

do anno passado 15\$000, por termoa pouquissima.

— **Sr. J. C. T. P.** (Muzambinho) Recibida a sua consulta. Será brevemente respondida.

— **Sr. M. V. de A.** (Vargem Grande). Agradecemos-lhe cordialmente as assignaturas que nos angariou. Brevemente receberá a resposta das suas consultas.

ANNUNCIOS

O **advogado** Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo 34.**

Dr. Cyro do Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

O **cobrador** Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Construtores das machinas e aparelhos para lavoura—Schubert, Irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centímetros; recebem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotério, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Vello n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavaros Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O **Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Solicitador—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fora.

SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes e industriaes, de urinas, calculos e aréas da bexiga.—Rua 1.ª de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias veneroas, syphiliticas e das vias urinares. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicação medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 5, por cima da antiga pharmacia Frago, das 12 ás 3 horas.

Imperial Fabrica do Corveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase pancreaticinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas do molhados e confeitarias.

CAMPOS

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODO

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

OBRAS COMPLETAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICARDINA. todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Sis.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremoa aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em faiculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, cada uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado. Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succraal de Campos & C.

José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um groaso vol..... 4\$000

OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU, drama em 5 actos, tendo junto A NOIVA, drama em 1 acto..... 4\$000

SGANARELLO, comedia em 1 acto de Mollière, versão.... 800

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

Erekmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Boddallo Pinheiro..... 2\$000

D. Guiomar Torrezão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Machado e Candido de Magalhães *Contos Cor de Rosa*.... 2\$000

Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800

POR VARIOS ESCRIPTORES

UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 521 gravuras..... 25\$000

A NOVA-YORK

NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY

Companhia Mutua de Seguros de Vida dos Estados-Unidos da America. Fundada em 1845---41 annos de prosperidade. Unica Companhia Estrangeira de Seguros de Vida auctorisada a funcionar no Imperio do Brazil. Capital: cerca de cento e setenta e cinco mil contos de réis. Deposito no Thesouro Nacional. duzentos contos de réis. Filial no Brazil

31 RUA DO HOSPICIO 31

Esta companhia de seguros sobre a vida, unica auctorisada a funcionar no imperio, por decreto n. 9.503 de 3 de Outubro de 1885, depositou no Thesouro Nacional, como garantia necessaria de suas operações no Brazil, a quantia de **Duzentos contos de réis**. Pontos importantes sob que deve ser considerada a Companhia Nova-York: Conta 41 annos de existencia, tendo começado suas operações em 1845. Sendo puramente mutua, portanto não tendo accionistas, seu capital sobre hoje á quantia de **cento e setenta e cinco mil contos de réis**.

Funcionn sob a severa fiscalisação do governo americano, unico, pois, onde existe fiscalisação real e effectiva. Não ha joia nem commisso depois de tres annos, recebendo o segurado que não puder continuar com os seus pagamentos uma apolice saldada, que nada mais lhe custa e garante-lhe tantas partes do capital primitivo, quantos pagamentos tiver cumprido e na forma do contracto originario. Seus lucros são divididos annualmente pelos segurados, que recebem prévio aviso dos dividendos que competem á sua apolice, sendo o lucro a dividir do anno de 1885, segundo o balanço de 31 de Dezembro, da quantia de **dezesete mil contos de réis**. Nos casos imprevistos interpreta sempre os seus contractos sob o ponto de vista da equidade, havendo aqui mesmo no Brazil diversos exemplos d'isso. Mediante uma pequena somma annualmente (o premio na idade de 35 annos, no caso de seguro pagavel por morte, custa cerca de **quarenta mil réis** por anno por cada **conto de réis** segurado), pode cada um constituir immediatamente um capital para sua familia em caso de morte ou para si proprio, se chegar ao prazo escolhido. A viúvas e orphãos, por morte de segurados, a possuidores de apolices dotaes, que chegaram ao periodo escolhido, a companhia tem pago, desde a sua fundação, a quantia de **duzentos e cinco mil contos de réis**.

Uma apolice da **New-York Life Insurance Company** offerece ainda aos ricos a grande vantagem de servir, como a que melhor for, de caução imediata, definitiva ou provisoria. Sendo o pagamento dos premios, assiu como o capital segurado, em ouro e tendo a companhia agencias em todo o mundo, as transacções feitas no Brazil podem perfeitamente ser continuadas em qualquer outro lugar á escolha do segurado com redução nos premios, se a residencia for em paizes de clima temperado

SINISTROS NO BRÁZIL

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

Nomes	Logares	Premios pagos até á morte	Quantias pagas pela companhia á familia
Joseph Norris.....	Londres.....		lib. s. d. 1.078 11 4
Gustavo Masset.....	Londres (Rest.).....		312 3 4
Victor Scheitlin.....	Pariz.....		Francos 60,000
João José de F. Guimarães.....	Pará.....	Rs. 455\$800	Rs. 12.000\$000
Dr. Candido Quirino Bastos.....	Pará.....	583\$900	24.000\$000
José João Riheiro.....	Pará.....	21.45\$00	7.200\$000
D. A. A. Dohrman.....	Rio de Janeiro.....	400\$000	23.833\$000
José Rodrigues de Souza.....	Pará.....	61\$600	11.825\$000
Gustavo Wedekind.....	Rio de Janeiro.....	1.46\$200	23.669\$000
José Soares Pereira.....	Bahia.....	717\$600	13.920\$000
Paul Emilio Willmersdorf (assassinado).....	Santos.....	107\$500	11.613\$000
Tito Antonio da Rocha.....	Ceará.....	203\$500	6.176\$000
Carl Gaspar August Hayn (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	5.779\$800	72.000\$000
Gustavo Theisen.....	Rio de Janeiro.....	1.196\$000	24.000\$000
José Amando Mendes.....	Pará.....	1.150\$000	27.245\$000
Antonio Soares Pinheiro.....	Pará.....	1.422\$000	13.770\$000
José Gomes Campello.....	Bahia.....	454\$240	11.200\$000
Dr. Aureliano de Azevedo Monteiro.....	Rio Grande do Sul.....	455\$800	13.900\$000
Ailsa Janson.....	Pernambuco.....	3.531\$000	24.500\$000
João Balso.....	Pará.....	1.433\$000	12.000\$000
Henrique Eulalio Gurjão.....	Pará.....	71\$460	5.760\$00
Henrique Barbosa de Amorim.....	Mauãos.....	487\$080	4.800\$00
Jacques Meyer (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	2.707\$890	21.600\$00
Josinh White Way.....	Pernambuco.....	829\$520	2.400\$000
Florentino Telles de Menezes.....	Desterro.....	758\$000	11.919\$700
D. Emilia R. Moreira de Queiroz.....	Bahia.....	971\$700	11.030\$760
Thomaz Argeniro Ferreira Chaves.....	Desterro.....	234\$960	8.911\$900
<i>A pagar, depois de serem approvados os competentes documentos de prova de morte:</i>			
Eugenio Leiffer.....	S. Paulo.....	2.226\$400	m/m 11.000\$000
Dietrich von Grawert (suicidio).....	Pará.....	2.729\$000	11.000\$000
Ladisláu de Almeida Cardoso.....	Pará.....	5.010\$000	24.000\$000
Felisherto José dos Santos Lisboa.....	Pará.....	862\$400	5.000\$000
João Gonçalves Ledo Junior.....	Pará.....	4.768\$800	24.000\$000
Jean Louis Seiler (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	511\$700	11.000\$000
Antonio Navarro de Siqueira.....	Rio de Janeiro.....	1.419\$000	11.000\$000
Alexandre Ferreira Pinto.....	S. Francisco do Sul.....	180\$000	5.500\$000

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

R. J. KINSMAN BENJAMIN, GERENTE.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA II^A CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 18 DE SETEMBRO DE 1887 DOMINGO

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

1º pareo—**Lomgruber**—1.450 metros—Animaes estrangeiros, de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Fellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Visière.....	Alazão....	2 ans	França.....	43 kil.	Azul marinho e palha.....	J. Paulo de Castro.
2	Lady.....	Castanho..	2 »	Inglaterra..	48 »	Azul.....	C. O.
3	Ormonde.....	Idem.....	2 »	França.....	45 »	Preto e branco.....	F. M.
4	Houhlon.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.

2º pareo—**Progresso**—1750 metros—Animaes nacionaes de meio sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Regente.....	Castanho..	4 ans	S. Paulo...	52 kil.	Encarnado.....	Tattersall Campineiro.
2	Odalisca.....	Pampa....	1 »	Idem.....	52 »	Verde branco e encarnado.....	Coud. Excelsior.
3	Corcovado.....	Castanho..	3 »	R. de Jane..	49 »	Grênat e ouro.....	Mario de Souza.
4	Gambetta.....	Zaino.....	5 »	S. Paulo...	51 »	Preto e rosa.....	M. G.
5	Druid.....	Tordilho..	5 »	R. de Jane..	56 »	Branco e bonet encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.

3º pareo—**Extra**—1200 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos que não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	King.....	Alazão....	2 ans	Inglaterra..	47 kil.	Encarnado, azul e crème.....	L.-L.
2	Duc.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Verde e encarnado.....	P. O.
3	Honguenotte.....	Castanho..	2 »	França.....	47 »	Preto e bonet encarnado.....	A. Michel.
4	Clarette.....	Idem.....	2 »	Inglaterra..	46 »	Branco e estrellas azues.....	Coud. Guanabara.
5	Lord.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Grênat e violeta.....	J. P.
6	Cancanière.....	Castanho..	2 »	França.....	46 »	Azul e ouro.....	Coud. Alliança.
7	Sir Telsmond.....	Idem.....	2 »	Inglaterra..	47 »	Rosa e bonet preto.....	Coud. Intimidade.
8	Apollo.....	Alazão....	2 »	R. da Prata	47 »	Azul e grênat.....	T. R. M.
9	Pervanche.....	Idem.....	2 »	Belgica...	46 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
10	Gentleman.....	Castanho..	2 »	Inglaterra..	46 »	Enc. mang. azul claro e faixa.	Coud. Brazileira.
11	Victoria.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	46 »	Idem idem.....	Joaquim da C. Baho.
12	Black-Satin.....	Preto.....	2 »	Idem.....	46 »	Azul ouro e grênat.....	Coud. Hannoveriana.

4º pareo—**Derby-Club**—2,000 metros—Animaes nacionaes de meio e puro sangue—Premios: 1,500\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Syhillia.....	Zaino.....	5 ans	S. Paulo...	56 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Dandy.....	Castanho..	4 »	Idem.....	52 »	Grênat e ouro.....	F. Vianna.
3	Boreas.....	Idem.....	5 »	Idem.....	69 »	Grênat e violeta.....	Coud. R. de Janeiro.
4	Espadilha.....	Idem.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e ouro.....	Coud. Alliança.
5	Diva.....	Alazão....	5 »	R. de Jane..	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

5º pareo—**Rio de Janeiro**—2,650 metros—Animaes de puro sangue—Premios: 2,000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

1	Salvatus.....	Alazão....	4 ans	França.....	50 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Satan.....	Castanho..	4 »	Idem.....	59 »	Grênat e ouro.....	Mario de Souza.
3	Phrynéa.....	Idem.....	5 »	Inglaterra..	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Fils d'Artois.....	Idem.....	4 »	França.....	50 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.

6º pareo—**Cosmos**—1609 metros—Animaes estrangeiros que não tenham ganho o pareo «Rio de Janeiro»—Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Veloutine.....	Alazão....	3 ans	França.....	47 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Peruana.....	Zaino.....	4 »	Inglaterra..	50 »	Azul e amarello.....	J. Rocha.
3	Dr. Caceta.....	Idem.....	4 »	R. da Prata	52 »	Grênat e ouro.....	J. S.
4	Le-Loup.....	Idem.....	4 »	França.....	52 »	Azul e grênat.....	Coud. Internacional.
5	Daybreak.....	Idem.....	3 »	Inglaterra..	49 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
6	Mirzador.....	Idem.....	4 »	França.....	51 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
7	Cheapside.....	Alazão....	4 »	Inglaterra..	57 »	Encarnado, branco e ouro.....	Coudelaria Paulista.
8	Catita.....	Castanho..	4 »	Idem.....	50 »	Azul.....	F. Guimarães.

7º pareo—**Seis de Março**—1609 metros—Animaes nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

1	Fagote.....	Castanho..	5 ans	S. Paulo...	51 kil.	Encarnado e preto.....	Tattersall Campineiro.
2	Rabecão.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	54 »	Encarnado.....	Idem idem.
3	Boyardo.....	Alazão....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e estrellas azues.....	Coud. Guanabara.
4	Americana.....	Tordilho..	4 »	R. de Jane..	52 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
5	Araby.....	Alazão....	5 »	Idem.....	54 »	Grênat e ouro.....	Coud. Carioca.
6	Gambetta.....	Zaino.....	5 »	S. Paulo...	54 »	Preto e rosa.....	M. G.
7	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná...	51 »	Geranium e ouro.....	J. W.
8	Vampa.....	Zaino.....	5 »	R. Grande..	56 »	Azul e grênat.....	Coudelaria Paraizo.

Pareo suplementar—Animaes estrangeiros de 3 annos—Distancia 1609 metros

1	Sivs.....	Alazão....	3 ans	Inglaterra..	47 kil.	Azul, ouro e grênat.....	Coud. Hannoveriana.
2	Queen.....	Castanho..	3 »	Idem.....	47 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Bonaparte.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul marinho e palha.....	J. Paulo de Castro.
4	Orange.....	Alazão....	3 »	França.....	49 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
5	Olinda.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra..	47 »	Grênat e ouro.....	Coud. Carioca.
6	Paraguay.....	Alazão....	3 »	Idem.....	47 »	Grênat e azul.....	P. Lima.
7	Esboron.....	Zaino.....	3 »	França.....	49 »	Grênat e rosa.....	S. M.
8	Pancy.....	Idem.....	3 »	R. da Prata	47 »	Encarnado e ouro.....	V. M.

OBSERVAÇÕES

O pareo supplementar realizar-se-á ás 11 1/2 horas da manhã em ponto, e vendem-se bilhetes de aposta para esse pareo, na secretaria do Club.

N. B.—O grande **Cosmos**, na distancia de 2.000 metros, para animaes estrangeiros, de 3 annos, com o premio de 3.000\$ ao primeiro, 600\$ ao segundo, 300\$ ao terceiro, o quarto livra a entrada, realizar-se-á em 11 de Dezembro do corrente anno.

A 18 do mesmo mez será realizado um grande Handicap, na distancia de 2.400 metros, para animaes de todos os paizes e edades, sendo o premio de 2.000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro. O peso para este Handicap é o seguinte: Animaes de 3 annos, 45 kilos; 4 annos, 55 kilos; 5 annos, 59 kilos. As eguas carregarão menos 3 kilos.

O 2º secretario, A. CESAR LOPES.

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de possias, elegantemente impresso a duas côres. 800 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutes nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus ingleses e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado